

# O olhar da criança sobre o ensino de música na escola de educação infantil

## Comunicação

Jason Desiderio Bezerra  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
jason-bezerra@hotmail.com

**Resumo:** Este trabalho, tem como objetivo ressaltar as experiências vividas na escola de educação infantil como uma relevante ferramenta de pesquisa para área da Educação Musical. Ressalta as possíveis contribuições que o protagonismo na infância pode trazer para a formação dos currículos, práticas e atuação profissional. Utiliza como referencial teórico, os estudos de Josso, Passeggi, Bertaux e Kramer. Como metodologia, foi realizada uma pesquisa bibliográfica buscando autores que consideram o olhar da criança como centro do processo de ensino e aprendizagem, bem como, as narrativas infantis como um instrumento de formação e elaboração de história, possibilitando o processo de ressignificação das crianças com a própria escola. Espera-se fomentar com esse estudo um importante campo de pesquisa e de formação para área de educação musical.

**Palavras-chave:** narrativas infantis; protagonismo infantil; música na educação Infantil.

## Ouvindo a história

Com o olhar voltado para o transcurso de vida, é perceptível que boa parte de nossa construção enquanto sujeito aprendente não acontece de forma isolada ou mesmo sozinho. As interações com diferentes espaços, sujeitos, tempos e situações não são vividas com passividade, desse modo, o ser humano vive “tirando partido de cada situação para maximizar seus interesses pessoais” (BERTAUX, 2010, p.53).

Nesse sentido, boa parte de nosso processo de formação é vivido de forma coletiva e com as crianças não acontece de forma diferente tendo em vista que “raras são, de fato as pessoas que vivem sozinhas na idade adulta, e mais raras ainda – se é que elas existem -, aquelas que viveram sozinhas sua infância” (BERTAUX, 2010, p.53). Desse modo, as crianças gozam em plenitude de sua infância construindo e reconstruindo seus saberes a partir das interações com o outro.

É sabido que, a escolarização faz parte das experiências de vida e que boa parte da infância a criança passa na escola. Com isso, experiências obtidas no espaço escolar influenciam

diretamente a sua formação enquanto aluno. A partir de tal afirmativa, surge o desejo e a busca pelo entendimento de como as crianças veem o espaço escolar, e sobretudo como elas reagem às experiências vividas no mesmo.

Reconhecer a criança como um ser singular, dotado de subjetividade, me faz refletir sobre a importância de ouvi-las e ter o seu **olhar** como elemento central na constituição de nossas práticas musicais e pedagógicas, entendendo o protagonismo infantil como uma ferramenta de vital importância para a construção do trabalho com música que é destinado às mesmas.

Nessa perspectiva, este trabalho tem como foco apontar as narrativas de formação, sobre tudo, as narrativas infantis, como uma relevante ferramenta de pesquisa para área da educação musical. Centrado na valorização da criança e no reconhecimento de suas falas, tal abordagem nos permite interpretar o seu olhar, enriquecendo e corroborando com as experiências musicais que queremos oferecer na escola de educação infantil, bem como, propõe uma autorreflexão sobre as práticas docentes.

## **Criança e infância: breves concepções**

*Cresci brincando no chão, entre formigas. De uma infância livre e sem comparamentos. Eu tinha mais comunhão com as coisas do que comparação.*

*Manoel de Barros*

Quem não guarda lembranças de um tempo em que corria solto na rua? Ou mesmo de quando passava as férias na casa dos avós? Essas lembranças tão particulares marcam um período vivido por todos nós, vivências que contribuem para constituição do que somos hoje. Por acreditar no diálogo entre as experiências obtidas nesse período, busco refletir acerca dos conceitos que o envolvem.

É sabido que, desde Platão e logo depois com a modernidade, que a criança tem sido vista como um ser incapaz, insuficiente, não produtora de conhecimento e cultura, haja vista que neste período, a marca que as caracterizava era a falta de razão. Por consequência, a infância não passava de um estágio cronológico, passageiro que somente servia para a preparação para a vida adulta.

No entanto, pensar sobre a infância, é assumir esse papel histórico vivido por cada sujeito em formação, é ter o olhar voltado para a criança como agente relativamente autônomo e dotado de singularidade, com isso, a infância pode ser tratada como: categoria social e categoria humana. Segundo Kramer (2007, p. 13),

A infância é entendida, por um lado, como categoria social e como categoria da história humana, englobando aspectos que afetam também o que temos chamado de adolescência ou juventude. Por outro lado, a infância é entendida como período da história de cada um, que se estende, na nossa sociedade, do nascimento até aproximadamente dez anos de idade.

Refletir sobre o conceito e significado da infância e criança, é condição fundamental para entendermos a importância de tal período para formação humana, bem como, quais os papéis que essa criança tem assumido na sociedade vigente. Nesse sentido, Kramer (2003) defende uma concepção de criança que

Reconhece o que é específico de infância – seu poder de imaginação, fantasia, criação – e entende as crianças como cidadãos, pessoas que produzem cultura e são nelas produzidas, que possuem um olhar crítico que vira pelo avesso a ordem das coisas, subvertendo essa ordem. Esse modo de ver as crianças pode ensinar não só a entendê-las, mas também a ver o mundo a partir do ponto de vista da infância, pode nos ajudar a aprender com elas (KRAMER, 2003, p. 91).

Com isso, temos uma definição de criança em que as mesmas são consideradas sujeitos que possuem direitos e deveres, que pensam, sentem e agem movidos pelo seu próprio mundo interno. Sujeitos humanos, que possuem um olhar crítico e tem parte do seu desenvolvimento nas interações sociais, construindo e ressignificando práticas culturais, isto é, garantindo que o olhar desse sujeito em formação seja respeitado, e de vital importância para condução das práticas na escola de educação infantil.

Desse modo,

Não podemos continuar a olhar as crianças como aqueles que não são sujeitos de direitos. Precisamos aprender com as crianças, olhar seus gestos, ouvir suas falas, compreender suas interações, ver suas produções (KRAMER, 2003, p. 81).

Considerar o olhar da criança, sobre o ensino que queremos na educação da infância, é legitimá-las como sujeitos que produzem cultura, que pensam e que se expressam em plena singularidade. (MENDONÇA, 2012).

Nessa perspectiva, a infância está para além de um estágio de formação, tendo em vista que todo homem tem infância, a mesma torna-se categoria da história humana, considerando a brincadeira como marca que a caracteriza. Por conseguinte, na brincadeira se estabelece relações, novas combinações e aprendemos por meio da mesma que “é possível mudar o rumo estabelecido das coisas” (KRAMER, 2007, p. 15).

## **Educação infantil: primeira etapa da educação básica**

Considerando a criança um sujeito dotado de individualidades, que pensa, age e sistematiza experiências com o auxílio de seu próprio mundo interno, fazendo da mesma o agente principal do seu processo de ensino-aprendizagem, emerge a necessidade de entendermos como se constitui a escola de educação infantil. Segundo as Diretrizes Nacionais para Educação Infantil – DNEI (2010, p. 12) define-se como

Primeira etapa da educação básica, oferecida em creches e pré-escolas, às quais se caracterizam como espaços institucionais não domésticos que constituem estabelecimentos educacionais públicos ou privados que educam e cuidam de crianças de 0 a 5 anos de idade no período diurno, em jornada integral ou parcial, regulados e supervisionados por órgão competente do sistema de ensino e submetidos a controle social.

A partir de tal conceito começamos a refletir sobre o conjunto de práticas e articulações de experiências afim de promover o desenvolvimento da criança. Os objetivos traçados para essa tão importante etapa da educação básica, estão mais ligadas às vivências que marcam a infância do que ao processo de escolarização ou mesmo de preparação para o próximo seguimento educacional.

Os objetivos para educação infantil estão ligados à promoção do conhecimento de si, por meio de experiências corporais, sensoriais e expressivas. O incentivo a curiosidade a problematização por meio das indagações das crianças em relação ao mundo físico e natural, bem como, o relacionamento com as diversas manifestações artísticas: música, dança, teatro, poesia, cinema, literatura e artes plásticas. (DNEI, 2010).

Dessa maneira, entendendo a criança, a infância e como se constitui a educação infantil, começaremos a contemplar o que faz a música na escola da infância, quais são os seus objetivos,

e experiências dessa manifestação artística com crianças em curso na primeira etapa da escola regular.

## **A presença da música na educação infantil**

De acordo com os Referências Curriculares Nacionais para a Educação Infantil/RCNEI (1998) a música pode ser definida como linguagem que

Traduz em formas sonoras capazes de expressar e comunicar sensações, sentimentos e pensamentos, por meio da organização e relacionamento expressivo entre o som e o silêncio. A música está presente em todas as culturas, nas mais diversas situações: festas e comemorações, rituais religiosos, manifestações cívicas, políticas e etc. A música é a vida do homem, vivenciada desde a mais terna idade, expressão de sentimentos, afetos e sensações (BRASIL, 1998 ,p. 45) .

A música está tão presente em nossas vidas, que por muitas vezes não nos damos conta de pensar sobre os significados que a mesma representa. Ao mergulhar em minhas lembranças percebo o quanto desde pequeno a música se fez presente, seja na escola de educação infantil, na igreja e/ou espaços difusos. Você já parou para pensar sobre, quais as experiências musicais foram mais significativas para você? Na escola, como era feito o trabalho com música? E como você constrói experiências com a música na escola da infância? A partir de tais questionamentos começo a refletir sobre os caminhos do trabalho com música na educação infantil. Entendendo, que a vivência musical na escola básica deve despertar a sensibilidade, por meio de atividades que integrem a apreciação, a produção e a reflexão.

O ensino de música na educação infantil, vem atendendo a propósitos bem distintos, segundo algumas concepções que talvez ainda vigorem. Sendo eles: condicionamento de rotina, o trabalho com música para comemorar datas festivas, a formação de hábitos e atitudes, bem como, para aquisição de conhecimentos variados. Nesse sentido, tínhamos uma educação musical voltada para a instrução a formação de valores e atitudes consideradas adequadas a cultura infantil (BRITO, 2003).

Vem se consolidando na área da Educação Musical propostas para o ensino de música que promovam a criatividade, que valorize o fazer como forma de construção e apropriação das linguagens e códigos, um ensino pautado na exploração livre, nos gostos e cultura trazidos pelos

alunos, e que sobre tudo, respeite suas experiências prévias como parte do processo de ensino-aprendizagem.

Pensar uma proposta integradora, que valorize o saber da cultura infantil não tem sido tarefa fácil. Neste sentido, como afirma Beineke (2013, p. 2)

Na escolha de repertório para a educação infantil, é comum pensar que as músicas produzidas para as crianças são as mais adequadas. Contudo, é preciso lembrar que tais músicas são elaboradas pelos adultos a partir de suas concepções de criança, trazendo, em muitos casos, ideias infantilizadas ou estereotipadas sobre o universo infantil. É preciso refletir criticamente sobre o conteúdo musical e expressivo do repertório que apresentamos em sala de aula. As crianças, em princípio, podem ouvir músicas de todos os tipos, dos mais diversos estilos, culturas e períodos. Elas compreendem as músicas a partir de suas experiências, as quais lhes permitem, a seu modo, atribuir significados ao que ouvem, ampliando suas concepções e construindo novas referências musicais (Beineke 2013, p. 2).

Por esse ângulo, as concepções sobre música infantil vão muito além da visão adultizada. As crianças, como agentes de seu próprio fazer musical tem seus parâmetros em que na maioria das vezes não se enquadram aos dos adultos. Elas se expressam de maneira criativa tocando, reinventando, produzindo suas próprias músicas, com isso, manifestando-se espontaneamente conectando suas ideias as vivências cotidianas.

Participando das aulas como protagonistas, as crianças têm a oportunidade de sistematizar suas experiências musicais construindo seu mundo subjetivo, ampliando e refletindo sobre as mesmas. Nesse sentido, cabe ao professor de música garantir espaços que promovam a construção de um ensino que desperte sensibilidade, autonomia, solidariedade, sujeitos com um olhar crítico, e preocupados com o trabalho colaborativo acreditando que na mutualidade os seres humanos crescem uns com ou outros.

## **O olhar da criança: narrativas infantis**

### **Narrativas**

As narrativas de formação têm estado em evidência nos últimos anos, sobre tudo por considerar a pluralidade das experiências educativas, sociais e profissionais. Utilizando-se de diversas fontes (auto)biográficas, sejam elas “histórias de vida, relatos orais, fotos, diários,

autobiografias, biografias, cartas, memoriais, entrevistas, escritas escolares e videográficas” (BERTAUX, p. 5).

Dentre os objetivos da abordagem (auto)biográfica estão o de falar a experiência e ampliar os conhecimentos sobre a pessoa em formação, tendo em vista a singularidade e subjetividade do objeto e sujeito de estudo. Podemos entender a abordagem biográfica não só como um método e sim como uma experiência formadora, tendo em vista o narrador como participante ativo de seu processo de relato e formação.

Nesse contexto,

Se a abordagem biográfica é um outro meio para um aspecto central das situações educativas, é porque ela permite uma interrogação das representações do saber-fazer e das referências que servem para descrever e compreender a si mesmo no seu ambiente e natural. Para perceber como essa formação se processa, é necessário aprender, pela experiência direta, a observar essas experiências das quais podemos dizer, com mais ou menos rigor em que elas foram formadoras. (JOSSE, 2010, p. 36).

Portanto, refletir sobre as experiências é trazer à tona a representação e influência das mesmas em seu processo de formação e construção dos saberes observando em que elas foram formadoras. Com isso o aprendente se detém a narrar vivências que de alguma forma foram significativas em seu constructo pessoal.

Para Dominicé (2010, p. 148), “a biografia é um instrumento de investigação e, ao mesmo tempo, um instrumento pedagógico”. Nesse sentido a pesquisa (auto)biográfica se apresenta como um instrumento de pesquisa porque busca, através das experiências, responder questões atreladas ao processo formativo do sujeito, estando o mesmo no centro das preocupações sobre o conhecimento e a formação; e pedagógico, tendo em vista o olhar para si como um momento de reflexão sobre as experiências formadoras, podendo dizer em que elas foram mais ou menos intensas no processo formativo.

Pensar a experiência é estar a todo momento ressignificando o conhecimento construído na trajetória de vida. Nesse processo de formar-se encontramos na infância experiências relevantes que mantém um diálogo com a fase adulta. Josso (2010) nos aponta que,

Nas narrativas de vida, a busca de nós começa muitas vezes pela escolha das amizades na infância, pela busca de uma companheira ou de um companheiro, pela criação de uma família, pelo ingresso em associações de interesses de toda

a espécie, por uma mudança de nacionalidade, pela busca de acolhimento, pela escolha de um partido político no qual podemos atuar como militantes ou como cidadãos que exercem de voto e etc (JOSSO, 2010, p. 123-124).

Nesse processo de formar-se, as experiências oriundas de fontes diversas contribuem para o constructo da formação integral do ser humano. Assim, considerar as experiências obtidas enquanto criança e refletir sobre as mesmas nos trazem apontamentos de como, e de quais formas, tais vivências foram relevantes na construção do sujeito aprendente.

Portanto, as narrativas de formação têm se apresentado como uma ferramenta de vital importância dentro das pesquisas qualitativas, tendo em vista a amplitude e o reconhecimento das experiências de vida como momentos relevantes para formação integral.

### **Narrativas Infantis**

Reconhecer as crianças como sujeitos e autores sociais implica numa abordagem de pesquisa que as considere para além de objetos de estudo. A vista disso, a narrativa “Inclui as crianças pequenas como sujeitos ativos de direitos e não como objetos de pesquisa, cujas vozes são excluídas das Políticas Educacionais do primeiro segmento da educação básica no Brasil” (PASSEGI. Et al, 2012, p. 3).

Viabilizar o olhar da criança sobre a educação, é condição *sine qua non* para alcançarmos melhorias no sistema educacional. Escutá-las e refletir sobre o que as mesmas pensam a respeito das instituições frequentadas é garantir que o protagonismo infantil esteja presente na constituição da escola da infância. Sendo assim, Passegi, et al. (2012) afirmam que

oportunizar que as crianças construam narrativas acerca de suas experiências na escola pode se constituir em um importante dispositivo de mediação pedagógica, pois além de possibilitar à criança a reorganização dessas experiências, conhecer o que as crianças significam acerca dessa vivência, permite ao educador compreender causas e consequências da sua atuação, levando-o a criar novas estratégias e possibilidades de interação, de ensino e de aprendizagem em um processo contínuo de investigação e reflexão pedagógica, além de trazer novos elementos para revisão e recriação dos Projetos Pedagógicos das escolas - sinalizando questões para as Políticas Públicas Educacionais -, de modo a se repensar a função social das escolas da infância (PASSEGI, 2012,p.9).

Compreender os significados das experiências obtidas na escola de educação infantil, é legitimar as significações emergidas com as narrativas das crianças. Promover uma reflexão no



espaço escolar a partir do olhar das crianças, pode-se apresentar como um viés profícuo à possíveis mudanças.

Na visão de Induina (2012), “As narrativas das crianças dizem muito sobre a escola. É preciso escutá-las, com sensibilidade e respeito”. Assim, torna-se um desafio construir uma escola que valorize a singularidade da infância, mobilizando o olhar para com o compromisso de formação, e entendimento sobre o que as crianças pensam a respeito da escola regular.

Com as narrativas, as crianças têm a oportunidade de ressignificar suas vivências através da prática de rememorar as experiências formadoras. Assim, construindo sua própria identidade “pois a noção de quem somos se constrói narrativamente pela reflexão sobre si” (PASSEGI, et al. 12).

Nesse ato de pensar a escola sob o olhar da criança, começo a refletir acerca das experiências musicais construídas na educação infantil. Tal pensamento implica diretamente na busca por abordagens e métodos que favoreçam os centros de interesse da criança pequena.

Nessa direção, aponto as narrativas infantis como uma relevante ferramenta para formação curricular, profissional e de si próprio. Haja vista, a oportunidade de aprimorar ou mesmo modificar o rumo de nossas práticas, frente os interesses dos principais agentes da formação escolar: as crianças.

Destaca-se, portanto, a importância de ampliação de estudos na área da educação musical que consideram o olhar da criança como centro do processo de ensino e aprendizagem, bem como, as narrativas infantis como um instrumento de formação e elaboração de história, possibilitando o processo de ressignificação das crianças com a própria escola.

### **Considerações finais**

Neste trabalho, tive como objetivo apontar as narrativas de vida, sobre tudo, as narrativas infantis como ferramentas relevantes na construção de pesquisas e de formação musical. Destacando, o olhar da criança como centro do processo de ensino e aprendizagem no trabalho com música.

Nesse sentido, as narrativas infantis podem servir como ferramentas que auxiliem na formação curricular, profissional, e para a própria criança em formação, tendo em vista, que, o processo de rememorar é por si só formativo.

Desse modo, viabilizar a fala da criança sobre o ensino de música na escola regular, é legitimar o protagonismo infantil, considerando seus gostos, suas vontades e seus centros de interesse. Reconhecendo, que as experiências obtidas na infância estarão em constante diálogo com a vida adulta.

Por fim, apresento esse estudo empírico ressaltando as vivências escolares obtidas na educação infantil como um importante campo de estudo e de formação para área de educação musical. Após a construção desse trabalho, emerge um educador ainda mais sensível a fala das crianças, respeitando e entendendo o quão significativo são as experiências vividas na infância. Vamos ouvir as falas de nossas crianças?

## REFERÊNCIAS

BARROS, Manoel de (Org.). **Memórias inventadas – As Infâncias de Manoel de Barros**. 2010. Disponível em: <<http://www.poesiaspoemaseversos.com.br/manoel-de-barros-poemas/>>. Acesso em: 18 set. 2016.

BRITO, Teca Alencar de. **Música na educação infantil: propostas para formação integral da criança**. Peirópolis: Editora Peirópolis, 2003. 204 p.

BEINEKE, Viviane. A música nas Práticas Criativas da Educação Infantil. **Pátio**, Porto Alegre, n. 37, p.01-03, out. 2013. Mensal. Disponível em: <<https://loja.grupoa.com.br/revista-patio/artigo/9585/a-musica-nas-praticas-criativas-da-educacao-infantil.aspx>>. Acesso em: 03 set. 2016.

BERTAUX, Daniel. **Narrativa de vida: a pesquisa e seus métodos**. Natal: Edurn, 2010. 167 p.

Brasil. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil** /Secretaria de Educação Básica. – Brasília : MEC, SEB, 2010.

DOMINICÉ, Pierre. O que a vida lhes ensinou. In. NÓVOA, António, FINGER, Mathias. **O método (auto)biográfico e a formação**. Lisboa: MS/DRHS/CFAP, 2010, p.189-222.

\_\_\_\_\_. Infância, cultura contemporânea e educação contra a barbárie. In: BASÍLIO, Luis Carlos C.;KRAMER, Sônia. **Infância, educação Direitos Humanos**. São Paulo: Cortez, 2003, p, 83-106.

CHAVES, Iduina Mont'alverne Braun. O que contam as crianças sobre as escolas da infância - imagens e simbolismos. In: XVI ENDIPE - ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICAS DE

ENSINO - UNICAMP - CAMPINAS - 2012, Campinas. **Artigo Completo**. Campinas: Junqueira&marin; Editores, 2012. p. 26 - 38.

JOSSO, M-Ch. **Experiência de Vida e Formação**. 2. Ed. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulos, 2012.

MENDONÇA, Uiliete Márcia Silva de. **Novos Olhares das Crianças Sobre a Escola de Educação Infantil**. Natal: Edufrn, 2013. 98 p.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de educação fundamental. **Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

PASSEGGI, Maria da Conceição et al. O QUE CONTAM AS CRIANÇAS SOBRE AS ESCOLAS DA INFÂNCIA: APORTES TEÓRICOS SOBRE AS NARRATIVAS NA PESQUISA COM CRIANÇAS. In: XVI ENDIPE - ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICAS DE ENSINO - UNICAMP - CAMPINAS - 2012, 16., 2012, Campinas. **Artigo Completo**. Campinas: Junqueira&marin; Editores, 2012. p. 02 - 12.